

QUINTA-FEIRA • 17 DE MARÇO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30979
de 17 de Março de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

DOSSIER

O INEVITÁVEL “NÃO”

TRÊS ANOS DE PAPA FRANCISCO

— P. 4-5 —

GEOCONFESS, A UBER DA CONFISSÃO



PAULO TERROSO

PADRE

“Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. O *slogan* do primeiro anúncio da Coca-Cola em Portugal (1928), criado por Fernando Pessoa (ainda que por razões políticas tenha ficado apenas no papel), bem que se poderia aplicar às aplicações para telemóvel e/ou *tablet* destinadas à eclesiosfera.

Já ninguém estranha entrar numa igreja e ver um leigo ou sacerdote a rezar com o telemóvel ou o *tablet* a liturgia das horas. O *iBreviary*, a única aplicação com o breviário em português, simplificou e aligeirou a vida de quem diariamente faz da oração da Igreja a sua oração diária. Ainda há pouco mais de uma semana, o Vaticano assumiu o *Click to Pray*, aplicação móvel (criada em Portugal) com propostas de orações breves e simples, para três momentos

do dia, como a plataforma digital da Rede Mundial de Oração pelo Papa e do Apostolado da Oração. A partir do próximo sábado (19 de Março), o papa Francisco estará presente na rede social *Instagram*. O mesmo papa que na mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações sociais (2014)

exortava assim os fiéis: “Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. (...) uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos.

Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus”.

Movido por este apelo de Francisco e a pensar no sacramento da reconciliação em pleno ano da misericórdia, Tanguy Levesque, um católico francês de 40 anos e pai de seis filhos, criou uma aplicação verdadeiramente disruptiva: a *GeoConfess*. Uma aplicação que

liga “os confessores com falta de penitentes, com os penitentes com falta de confessores”, assim se lê página da internet da plataforma. O funcionamento é simples. O sacerdote inscreve-se na plataforma indicando o local onde se encontra, os dias e horários em que está disponível para



Com GeoConfess encontre rapidamente uma confissão perto de si.

confessar. Informações que podem ser alteradas dependendo da deslocação e disponibilidade do confessor.

Por sua vez, o penitente, em tempo real e graças ao sistema de geolocalização, presente em todos smartphones, pode aceder ao confessor mais próximo de si e através de um clique avisar o sacerdote da sua

chegada. Daí o *slogan* “GeoConfess, a Uber da confissão”.

Claro que a aplicação suscita várias interrogações. Desde logo, se há assim tanta gente à procura de confessor sem encontrar e que leve à necessidade de criar uma aplicação específica. Tanguy Levesque diz que nas cidades é mais fácil encontrar um confessor do que nas aldeias. Aliás, foi essa dificuldade que ele próprio sentiu que o levou a criar a aplicação. É certo que ele fala da realidade francesa, depauperada de clero. Mas não é descabido que examinemos a realidade bracarense e nos questionemos: Há nas paróquias horários regulares reservados à confissão? Essa informação está disponível nas igrejas e nos boletins paroquiais?

Outras questões, não menos importantes, são se não estamos perante uma privatização da fé. Ou se não está a promover, ainda que inconscientemente, uma visão da Igreja e em particular dos sacerdotes, como fornecedores de serviços. A dimensão comunitária é fundamental para fé. Aliás, não se compreende nem se vive sem essa. Estas são apenas algumas das questões que merecem ser seriamente reflectidas.

No entanto e como diz o poeta, a experiência diz-nos que “primeiro estranha-se, depois entranha-se”.



PAPA FRANCISCO

@pontifex_pt

13 Março 2016

Rezem por mim.

08 Março 2016

Pequenos gestos de amor, de ternura, de cuidado, que fazem pensar que o Senhor está connosco e assim abre-se a porta da Misericórdia.

D. JORGE ORTIGA

@djorgeortiga

12 Março 2016

Felizes os que recebem a palavra de Deus de coração sincero e generoso e produzem fruto pela perseverança (Lc 8, 15)



MADRE TERESA DE CALCUTÁ CANONIZADA A 4 DE SETEMBRO

O Papa Francisco declarou que a canonização de Madre Teresa de Calcutá vai ser celebrada a 4 de Setembro. A decisão foi tomada após um consistório ordinário (reunião de cardeais) para votar cinco causas de canonização.

Na mesma data será comemorado o Jubileu dos Voluntários e Trabalhadores da Misericórdia. Ganxhe Bojaxhiu, Madre Teresa, nasceu em Skopje, uma pequena cidade com cerca de vinte mil habitantes na Macedónia, a 26 de Agosto de 1910.



CEP REJEITA LEGALIZAÇÃO DA EUTANÁSIA

A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) divulgou uma nota para contestar uma eventual legalização da eutanásia no país, recusando de forma veemente soluções que coloquem em causa a “inviolabilidade” da vida. “Não pode justificar-se a morte de uma pessoa com o consentimento desta. O homicídio não deixa de ser homicídio por ser consentido pela vítima: a inviolabilidade da vida humana não cessa com o consentimento do seu titular”, refere o texto do Conselho Permanente da CEP.



PRIMEIRA DESLOCAÇÃO OFICIAL DE MARCELO FOI AO VATICANO

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, viajou ontem até Roma e tem hoje encontro marcado com o Papa Francisco às 10h00 locais. Marcelo explicou que a escolha do Vaticano para a sua primeira deslocação oficial se liga ao facto de este ter sido a primeira entidade a reconhecer Portugal como estado independente. O programa inclui um encontro com o secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Pietro Parolin, e uma breve visita à Capela Sistina. Marcelo parte depois para Espanha.

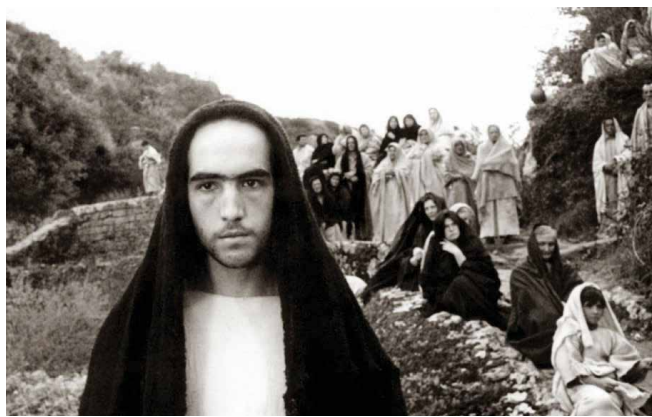
ROSTOS DE CRISTO NO CINEMA



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Nas salas estreiam o especulativo “O Jovem Messias”, redução ao grande ecrã da novela apócrifa da “gótica” Anne Rice, e a paródia belga “Deus existe e vive em Bruxelas” (“O totalmente novo testamento”, traduzido à letra o título original), peça iconoclasta de Jaco Van Dormael; no pequeno ecrã, a Fox Movies promete um “especial Páscoa” para os dois próximos fins-de-semana. Jesus Cristo é incontornável nesta quadra. Mau era se não repescássemos



títulos que o cinema foi propondo acerca do Filho de Deus. Com nenhuma outra pretensão senão a de introduzir um “guia de bolso” para alguma (re) descoberta. E reconfirmar que o Senhor, acredite-se ou não n’Ele, continuará a exercer fascínio, a seduzir. A ser mistério pelos séculos e séculos sem fim.

A “nota artística”, atendendo à semântica jesuana (JJ, pois então!), vai hoje e sempre para “**O Evangelho segundo S. Mateus**”, de Pasolini (1964). De uma beleza lírica que deixa a milhas tantos orçamentos brutais que ao tema da vida e Paixão de Cristo foram dedicados, apresenta-nos um Cristo jovem e rebelde, muito humano; um judeu – nos antípodas da estética das superproduções sublinhando um Messias de traços arianos, como

acontece na minissérie televisiva em duas partes “**Jesus de Nazaré**” (Zefirelli), estreada em 1977, ou então em “**A maior história de todos os tempos**” (George Stevens, 1965). Longe de tentações épicas, Pasolini filma sobretudo a Palavra, sincopada pela Paixão composta por Bach. Mas a novidade esteve/está também na majestade atribuída ao rosto – em que outra parte do corpo poderia, de resto, concentrar-se um filme sobre a fé (lição muito cedo ensinada por Dreyer em “A Paixão de Joana d’Arc”)?

Mas talvez o primeiro filme a sério sobre Cristo seja “**O rei dos reis**” (Nicholas Ray, 1961), que contou com orçamento brutalmente baixo – tanto que a esmagadora maioria dos milagres de Jesus narrados nos Evangelhos são apenas referidos. O problema do filme do realizador de “Johnny Guitar” é que o contexto político do tempo de Jesus acaba por sobrepor-se e esmagar o próprio Jesus. Contudo, Jeffrey Hunter compõe talvez o mais compassivo Cristo que o cinema conheceu até à data. E as sequências do Sermão da Montanha, da Crucifixão e da Ressurreição deixam-nos sem dúvida de respiração suspensa. Verdadeiramente icónico, nunca poderíamos excluir desta lista “**A Última tentação de Cristo**”, de Martin Scorsese (1988). Um Messias talvez demasiado humanizado na interpretação de Willem Dafoe, como que a querer provocar ondas de choque

no questionar do dogma. Tentativa de desconstrução, reduzindo emotivamente o Cristo da fé ao Jesus da história. Cinema de autor é também “**A Paixão de Cristo**”, de Mel Gibson (2004), delírio visual disparado pela câmara de um cristão puritano a braços com o problema da culpa. Se podem alguns argumentar que a violência gráfica das

imagens é assim a dar para o altinho (mas não foi violenta a crucifixão?), fica ainda e sempre para a história a originalidade das línguas usadas (latim, hebraico e aramaico) – quer se queira quer não, um factor de autenticidade. Finalmente, não haveria como esquecer, apenas a título de referência, visto tratar-se de produto acabadamente datado, o musical “**Jesus Christ Superstar**” (1973), ópera-rock esteticamente monstruosa montada a partir do libreto de Andrew Lloyd Weber e Tim Rice. Também o arrogante “**Jesus de Montreal**” (1989), do canadiano Denys Arcand, que outra coisa não pretendeu senão provocar a Igreja, mas de que acabou por não rezar a história. E finalmente o muito recente Cristo “de” Diogo Morgado em “**O Filho de Deus**” (2014), montado a partir da minissérie “A Bíblia” (2013).

PARA CHEGAR À LUZ É NECESSÁRIO PASSAR PELA CRUZ

D. LUIZ LISBOA

BISPO DE PEMBA

Estamos no tempo litúrgico da Quaresma, propício à revisão da nossa vida para dar continuidade a uma verdadeira conversão.

Por quê dar continuidade? Porque conversão é um processo que dura toda uma vida. Supõe uma escolha, uma decisão. Diante da proposta feita por Jesus – “se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-me” – muitos duvidaram, alguns fugiram e outros tantos aderiram.

“Se alguém quiser seguir-me”, supõe **liberdade**. Talvez este seja o dom mais belo e mais difícil com o qual Deus nos presenteou. Quanta gente confunde liberdade com libertinagem, quantas pessoas dizem e fazem o que querem



e sentem sem importarem-se com os outros, com suas dores, seus limites, seus constrangimentos.

Há quem goste de ser mandado porque não precisa tomar uma decisão. Para decidir é preciso pensar, ponderar, discernir. Mas também há quem goste de mandar porque lhe custa muito ser humilde, acreditar no outro, obedecer, ou seja, prefere e lhe apraz decidir pelo outro.

“Renuncie a si mesmo”, supõe **desprendimento**. Há quem passe toda a vida olhando como num espelho, melhor, olhando-se num espelho. Coloca-se como centro do mundo, não consegue sair de si mesmo e ir ao encontro do outro. O outro é sempre uma ameaça, um adversário. O amor ao próximo supõe sensibilidade, aproximação, atitude, tempo, caridade, misericórdia. As “obras de misericórdia”, tanto materiais quanto espirituais que o Papa Francisco nos tem recordado neste Ano Jubilar, é sempre em direção ao outro, aos outros.

“Tome a sua Cruz e siga-Me”, supõe **coragem**. A Cruz que Jesus oferece não é a d’Ele. A cada um Ele oferece uma Cruz personalizada, própria, aquela do seguimento. O peso, o tamanho, o contorno é de acordo com cada seguidor porque cada um é único, tem seus limites, mas também suas potencialidades, e Jesus sabe disso.

A Cruz do seguimento não é a mesma que os homens muitas vezes impõem aos seus semelhantes e que causam tanto sofrimento, fome, miséria, guerra, deslocamentos forçados, entre outros.

Seguir Jesus não é para qualquer um, não é para todos. É para aqueles que querem, que se decidem, que estão dispostos a renúncias, que não fogem da Cruz.

A Cruz de Jesus é a Cruz da **missão**. Ele foi enviado pelo Pai para salvar a humanidade. É o missionário do Pai. A missão vem de Deus, é de Deus. A Cruz que Jesus oferece também é a

Cruz da missão de cada um.

Para seguir a Jesus é preciso assumir a própria Cruz, a própria missão. Não faltarão dificuldades, sofrimentos, quedas, incompreensões, perseguições... Tampouco faltarão Cirineus, Verónicas e Maria, a Mãe sempre presente para acariciar e encorajar. Não tenhamos medo porque Ele nos ajuda, caminha ao nosso lado, alivia o peso.

O seguimento de Jesus, portanto, supõe liberdade, decisão, desprendimento, amor e coragem para assumir a Cruz da missão.

A Cruz não é derrota, mas vitória; a Cruz não é fim, mas meio; a Cruz não é imposição, mas oferta; a Cruz não tira a dignidade, mas a resgata; a Cruz não é abstrata, mas concreta; a Cruz não é ódio, mas amor; a Cruz não é veneno, mas remédio; a Cruz não leva à treva, mas à Luz.

Não se vai à Luz sem passar pela Cruz!

A Quaresma é este tempo especial que a Igreja nos proporciona para a nossa contínua conversão. Aproveitemos mais esta oportunidade. Assumir a Cruz do seguimento é caminhar com Jesus e como Jesus no cumprimento da missão. Dessa maneira poderemos celebrar com Ele a vitória da Ressurreição, a Vida nova nascida do amor derramado na Cruz.

Aos irmãos e irmãs de Pemba e de Braga eu desejo uma boa caminhada quaresmal para uma Feliz Páscoa da Ressurreição!

O INEVITÁVEL “NÃO”

TRÊS ANOS DE FRANCISCO

“Irmãos e irmãs, boa noite. Sabeis que o dever do Conclave é dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos cardeais foram buscá-lo ao fim do mundo... mas aqui estamos!”. A 13 de Março de 2013, estas foram as primeiras palavras dirigidas ao mundo por Jorge Bergoglio enquanto Papa Francisco. Três anos passaram e, com eles, muitas atitudes, reformas e gestos já fizeram deste um pontificado histórico. De todos eles, uma certeza sobressai: o Santo Padre não tem medo de dizer “não”. Pelo menos quando uma recusa corre ao encontro da Palavra de Deus.

“NÃO” À RIQUEZA

Os primeiros dias após a eleição de Francisco foram de alvoroço. O mais recente Papa começou por dizer “não” a uma série de formalidades tradicionais no seio da Igreja, já inquestionáveis por parte de quem desenvolve o ministério de Bispo de Roma. Francisco recusou, por exemplo, viver no Palácio Apostólico, local usual de permanência do Papa. Rejeitou também alguns dos adereços comuns às vestes papais, optando pela simples batina branca.

Além destes, que constituíram os primeiros exemplos de um Papa que prima pela simplicidade, outros existem: Francisco raramente se desloca ao Palácio de Castel-Gandolfo (residência de Verão dos Pontífices), utiliza viaturas de gama média-baixa (tendo até uma Renault 4L para uso pessoal), dá preferência a relógios como *Swatch* ou *Casio* e continua a usar sapatos modestos, como aliás já fazia quando era Arcebispo de Buenos Aires. Não raras vezes, o Papa afirmou que a riqueza é uma ilusão, exortando a novo “não” à idolatria do dinheiro.

“NÃO” À EXCLUSÃO

Na sua primeira exortação apostólica, publicada em 2013, o Papa falou do sonho de uma “Igreja em Saída” (EG, 20). Para Francisco, a Igreja deve ter as portas abertas e ser capaz de construir pontes em vez de muros: não deve ser uma prisão ou uma fortaleza, fechada em si mesma. Necessita de ter as portas abertas para acolher todas as criaturas de Deus, deve ser Igreja do povo e para o povo, correndo para as periferias, rumo aos mais necessitados e marginalizados.

Dando força à escolha no nome Papal (“Francisco, Francisco dos pobres e que ama todas as criaturas”), Bergoglio não exclui ninguém, como o demonstraram as reuniões com homossexuais e a célebre frase “Quem sou eu para julgar?”. As mudanças que Francisco encetou na Cerimónia de Lava-Pés também ilustram este desejo de inclusão a todos os níveis: o rito, apenas acessível a homens até ao Papado de Francisco, é agora aberto a todos os católicos, mulheres incluídas. O Pontífice também é conhecido pela proximidade com o povo em geral: crianças, funcionários, jovens, doentes, idosos, qualquer um pode ser alvo dos afectos e bênçãos de Francisco.

“NÃO” À INDIFERENÇA

Ao longo de três anos de Pontificado, Jorge Bergoglio mostrou-se implacável com as histórias de abusos sexuais dentro da Igreja. Foi com pulso firme que instituiu a Comissão Pontifícia para a Protecção de Menores, com o intuito de “promover a protecção da dignidade dos menores e de adultos vulneráveis”. Francisco chegou mesmo a reunir com vítimas de abusos, prometendo que todos os responsáveis pelos crimes iriam “prestar contas”. Afirmou publicamente que estes pecados não poderiam ser “mantidos em segredo” e garantiu “tolerância zero” para com os perpetradores.

O combate à indiferença também se tem feito de outras formas e em outras situações. Veja-se, por exemplo, o primeiro destino escolhido pelo Papa para viajar além-Roma: Lampedusa. Ainda em 2013, o Pontífice viajou até à pequena ilha conhecida por ser o porto de entrada na Europa de milhares de imigrantes ilegais. Provenientes de África, do Médio Oriente e Ásia, nas últimas duas décadas cerca de 20 mil pessoas perderam a vida ao tentar a travessia. A escolha do Papa constituiu um grito de alerta mundial diante da tragédia. Francisco foi “chorar os mortos que ninguém chora”, já que a humanidade, “imersa na cultura da indiferença, tem o coração anestesiado e é incapaz de chorar pelas mortes dos seus irmãos”.

VOX POP



JOÃO MAIA, 27 ANOS

O Papa Francisco parece viver a mensagem que veicula, e transmite essa mesma mensagem de uma forma acessível para toda a gente, sem ser desligado da realidade. Preocupa-se com as questões reais do mundo. Tem tomado medidas de mudança, na Igreja, que também acho que são importantes.



CARLA VIEIRA, 30 ANOS

Falar do Papa Francisco é muito complexo... Ele é um exemplo para os jovens, uma referência para os jovens de hoje em dia, eles vêem no Papa Francisco atitudes que eles próprios também poderão ter. É próximo da população, do povo, e não se julga superior a ninguém.



MARIA MENESES, 56 ANOS

É o Papa do povo, um homem do povo. Simples, humilde e muito directo naquilo que diz, não se põe com rodeios. É muito aberto e liberal. Não diferencia o rico do pobre, para ele são todos iguais. Nas homilias cativa as pessoas, e tenta sempre falar de uma maneira que toda a gente perceba.

“NÃO” À VIOLÊNCIA

O Papa tem-se manifestado de várias formas contra o uso de violência, contra o armamento e qualquer tipo de guerra. De acordo com o Pontífice, “os gestos de amor não podem e não devem ser ensombrados pela prepotência do mal. O bem sempre vence, embora em alguns momentos possa parecer débil”. As crianças, mulheres e homens vítimas da guerra e conflitos – entre eles os refugiados e migrantes – surgem frequentemente nas intenções e apelos de Francisco.

“Estamos próximos do Natal: teremos luzes, festas, árvores luminosas e presépio. Tudo falso: o mundo continua a fazer guerras. O mundo não entendeu o caminho da paz”, disse o Papa Francisco por ocasião do último Natal. Sempre que pode ter alguma influência na resolução de algum conflito, não hesita: pediu, em conjunto com o Patriarca Cirilo, da Igreja Ortodoxa Russa, o fim do terrorismo; impulsionou o acordo de paz entre Cuba e os Estados Unidos da América e chegou mesmo a dizer que, havendo oportunidade, não fecharia a porta a um diálogo com o autoproclamado Estado Islâmico.

“NÃO” AO CLERICALISMO

Francisco não protege os membros da Igreja apenas por fazerem parte do clero. Em vez disso, é ainda mais exigente com estes irmãos: no passado Natal, recebeu os membros da Cúria Romana para os tradicionais votos de Boas-Festas e denunciou as “quinze doenças” que ameaçam o clero. Sentir-se imortal ou indispensável, acumular bens materiais ou ser narcisista foram algumas das “enfermidades” que o Papa classificou como as “mais habituais” na vida da Cúria e que enfraquecem o “serviço ao Senhor”.

Em algumas das suas homilias, muitas proferidas durante as eucaristias matinais que celebra na Casa de Santa Marta, Francisco chamou a atenção para alguns comportamentos por parte de membros do clero. Já pediu a padres e bispos para vencerem a tentação de “uma vida dupla”, afirmando que a Igreja deve “servir aos outros e não servir-se dos outros”. Denunciou o “carreirismo” e o apego ao dinheiro por parte de alguns sacerdotes e chegou a afirmar, sempre no tom leve que o caracteriza, tentar manter-se afastado de “sacerdotes rígidos” com receio de que eles “possam morder”. O apelo a que os sacerdotes e bispos estejam “junto das pessoas” é constante.

“NÃO” À DESIGUALDADE

Outra das grandes preocupações do Papa Francisco prende-se com a distribuição da riqueza, assente numa “economia que mata” (EG, 53). O Pontífice dispensou eufemismos e votou um redondo “não” à economia da exclusão e desigualdade, que gera violência ou que se desenrola em estruturas injustas e desiguais.

Além de “pequenos gestos” como distribuição de refeições ou medicamentos, o Papa mandou instalar chuveiros na Praça de São Pedro, no Vaticano, para que os sem-abrigo possam tomar banho e trocar de roupa. Já doou objectos de uso pessoal, como o Ipad ou a bicicleta, de forma a permitir a angariação de fundos para ajudar os mais desfavorecidos.

“Proximidade, doçura e firmeza são atitudes necessárias a um bom pai”, disse Francisco em Fevereiro de 2015, a propósito de um debate sobre o papel da família. As suas atitudes no que diz respeito à paternidade pastoral e espiritual que exerce enquanto Bispo de Roma demonstram-no: dizer “não” quando é necessário, é sinónimo de uma Igreja cada vez mais aberta, inclusiva e para todos.

“CORRIAM OS DOIS JUNTOS”

DOMINGO
DE PÁSCOA



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *O Senhor ressuscitou verdadeiramente*, A. Cartagena (IC, p. 308/ NRMS 65)
- **GLÓRIA:** *Az. Oliveira* (NRMS 50/51)
- **APRES.DONS:** *Aleluia. O filii et filiae*, Az. Oliveira (IC, p. 277/ NRMS 109)
- **COMUNHÃO:** *Cristo, nosso Cordeiro Pascal*, M. Simões (IC, p. 286/ NRMS 25)
- **FINAL:** *Ressuscitou! Aleluia*, A. Cartagena (NCT 200)

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor (*Missal Romano*, pp. 327-328).
 Prefácio do Tempo Pascal I (*Missal Romano*, p. 469).
 Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Act. 10, 34a, 37-43

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Pedro tomou a palavra e disse: “Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando a todos os que eram oprimidos pelo Demónio, porque Deus estava com Ele. Nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém; e eles mataram-n’O, suspendendo-O na cruz. Deus ressuscitou-O ao terceiro dia e permitiu-Lhe manifestar-Se, não a todo o povo, mas às testemunhas de antemão designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos. Jesus mandou-nos pregar ao povo e testemunhar que Ele foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos. É d’Ele que todos os profetas dão o seguinte testemunho: quem acredita n’Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 117(118)

Refrão: Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e cantemos de alegria.

Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia.
 Diga a casa de Israel:
 é eterna a Sua misericórdia.

A mão do Senhor fez prodígios,
 a mão do Senhor foi magnífica.
 Não morrerei, mas hei-de viver,
 para anunciar as obras do Senhor.

A pedra que os construtores rejeitaram
 tornou-se pedra angular.
 Tudo isto veio do Senhor:
 e é admirável aos nossos olhos.

LEITURA II Col. 3, 1-4

Leitura da Epístola do apóstolo S. Paulo aos Colossenses

Irmãos: Se ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo Se encontra, sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas do alto e não às da terra. Porque vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar, então também vós vos haveis de manifestar com Ele na glória.

EVANGELHO Jo 20, 1-9

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo segundo S. João

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: “Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram”. Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguiu. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

ANO C — 2016

DOMINGO DE PÁSCOA

MANDOU-NOS PREGAR AO POVO



ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Missão

CARACTERÍSTICA

Experimentar a alegria do encontro com Jesus Cristo Ressuscitado.

CONCRETIZAÇÃO: Com a celebração da Vigília Pascal iniciamos o ciclo das festividades da Páscoa, durante cinquenta dias. A Festa da Páscoa ocupa o lugar central de todo o Ano Litúrgico. Por isso, em cada semana, o Domingo é chamado o Dia do Senhor, fazendo memória da Ressurreição do Senhor. Assim, queremos dar o primeiro passo deste caminho na manifestação alegre do encontro com Jesus Cristo, preenchendo o nosso coração de ALEGRIA, que iluminará os nossos passos na missão de anunciar o Ressuscitado.

MISSÃO

Nesta semana, abramos o nosso coração ao Senhor Ressuscitado e avivemos a nossa fé no Mistério Pascal do Senhor. Comprometamo-nos em visitar algum familiar ou amigo que esteja doente, levando-lhe a alegria do Senhor Ressuscitado.

REFLEXÃO

Anúncio de uma Boa Nova! Eis o fim dos dias da Paixão. Jesus Cristo está vivo (evangelho), “Deus ressuscitou-O” e, doravante, “quem acredita n’Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados” (primeira leitura). Esta é a boa nova da misericórdia, que cantamos e proclamamos: “Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia” (salmo). O baptismo faz-nos participantes da vida nova do Ressuscitado (segunda leitura). Ao saborear esta alegria pascal, abrimos os nossos corações à Palavra, e, como discípulos missionários, assumimos a missão de anunciar a todos: Aleluia! Jesus Cristo ressuscitou!

“Mandou-nos pregar ao povo”

Lucas, no livro dos Actos dos Apóstolos, dá a conhecer alguns discursos proferidos pelos primeiros discípulos em diferentes circunstâncias e ambientes. O discurso permite fazer avançar a narração dos primeiros anos do cristianismo, identificando tanto aquele que o pronuncia (Estêvão, Pedro, Paulo) como os seus destinatários: a Igreja nascente, os fariseus e anciãos, os responsáveis políticos. Pedro aparece como protagonista em vários desses discursos. O texto proposto para primeira leitura do (Primeiro) Domingo de Páscoa (Ano C) apresenta uma intervenção de Pedro na casa de Cornélio, entre pagãos. Lembra que Jesus de Nazaré, contemporâneo de João Baptista, “passou fazendo o bem”. Não se trata apenas de um ser humano. Ele foi ungido por Deus “com a força do Espírito Santo”. Assim, dava resposta às duas tentações permanentes sobre a pessoa de Jesus Cristo: apresentá-lo sem raízes na história humana ou sem raízes em Deus.

A vida de Jesus Cristo foi exemplar, a sua condenação à morte foi injusta. Mas “Deus ressuscitou-O”. Este é o “kerygma” ou “primeiro anúncio” proclamado, que dá início à comunidade dos cristãos, a Igreja. A profundidade do “discurso” permite afirmar que é difícil com poucas palavras fazer um resumo tão completo do anúncio cristão. A Ressurreição marca um antes e um depois, sem qualquer contradição. Jesus Cristo foi crucificado, morto e sepultado (é o antes); mas “Deus ressuscitou-O” e agora está vivo (é o hoje permanente). Não há ruptura, mas continuidade: o Crucificado é o Ressuscitado. O texto culmina com uma confissão de salvação: “quem acredita n’Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados”. A Igreja não nasce de um triunfo, mas de uma experiência — “nós que comemos e bebemos com Ele” — e de uma missão — “mandou-nos pregar ao povo e testemunhar”.

O tempo de Páscoa recorda a presença, entre nós, de Jesus Cristo que nos envia a anunciar a fé com alegria. A comunidade celebra a experiência do acontecimento da Ressurreição e actualiza a missão do Ressuscitado. “O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de partilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados [...]. A missão é inseparável do discipulado” (*Documento de Aparecida*, 278).

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Turíbulo

Use-se o turíbulo em toda a celebração (procissão de entrada, proclamação do Evangelho, apresentação dos dons e narrativa da instituição da Eucaristia).

Preparação Penitencial

No momento de preparação penitencial, pode fazer-se a bênção da água, com a oração própria para o Tempo Pascal do formulário I, à qual se seguirá a aspersão da água (*Missal Romano*, p. 1359ss).

Ritos finais

Nos ritos de conclusão, no “Ide em paz”, acrescenta-se “Aleluia. Aleluia”. Este será o mote para a organização do compasso pascal, anunciando na casa de cada família que o Senhor ressuscitou, está vivo.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo:

Neste dia santíssimo que o Senhor fez, em que o Espírito nos torna pessoas de coração renovado, oremos ao Pai, para que a alegria da Páscoa se estenda ao mundo inteiro, dizendo (ou cantando), com fé:

R. Pela Ressurreição do vosso Filho, ouvi-nos, Senhor.

1. Por toda a Igreja que se alegra santamente nesta Páscoa e proclama que o Senhor ressuscitou, oremos.

2. Por todos os que foram baptizados e aspiram às realidades do alto, dando graças pelo seu novo nascimento, oremos.

3. Pela humanidade inteira que acolhe a Boa Nova e a Aliança que Deus lhe oferece em Cristo Ressuscitado, oremos.

4. Pelas famílias cristãs que encontram vida abundante no Ressuscitado e se alimentam do Corpo e Sangue do Cordeiro pascal, oremos.

5. Pelas famílias que se reúnem hoje para celebrar a Páscoa e receber o compasso pascal, abrindo os seus corações a Jesus Cristo e empenhando-se em testemunhá-lo, oremos.

6. Pela nossa comunidade (paroquial), que continua a crescer no amor a Jesus Cristo e a dar testemunho da sua Ressurreição, oremos.

7. Pelos nossos familiares defuntos, que o Senhor chamou a si, e que, durante a sua vida na terra, foram verdadeiras testemunhas de Cristo Ressuscitado, oremos.

Deus santo, Deus da vida, Deus salvador, que na Ressurreição do vosso Filho destes ao mundo a vitória sobre a morte, azei-nos viver ressuscitados com Ele, deixando-nos conduzir pelo seu Espírito. Por Cristo, nosso Senhor.

ADMONIÇÃO FINAL

Como são belos os pés que anunciam a alegria! A celebração da Eucaristia convida-nos a “aspirar às coisas do alto” e a partir em missão, anunciando a Boa Notícia da Ressurreição do Senhor: “Jesus Ressuscitou e está vivo”. Tomemos a atitude dos discípulos que partiram a levar aos companheiros o anúncio do Ressuscitado, com grande alegria e entusiasmo. Neste sentido, vamos acender no Círio Pascal uma luz que ilumine os nossos passos na missão de experimentar a alegria do encontro com Jesus Cristo Ressuscitado.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene da Páscoa do Senhor (*Missal Romano*, p. 557).



A S. JOSÉ BELEZA QUE SALVA

Faminto da beleza que liberta
E nos trespassa em golpe de ternura,
Medito S. José, de alma desperta,
Comungando o amor da Virgem pura.

Com brandura a conduz na rota certa,
Rasgando a noite p'ra Belém, segura;
E foge p'ro Egipto, à descoberta,
Dum resguardo de paz que lhe procura.

Enamorado da missão sublime
Aceita o sofrimento que o redime
Autenticando o seu amor formoso.

Assim o vejo, assim o felicito
A proteger Jesus, Filho bendito,
Junto a Maria, seu fiel Esposo.

Valdemar Gonçalves



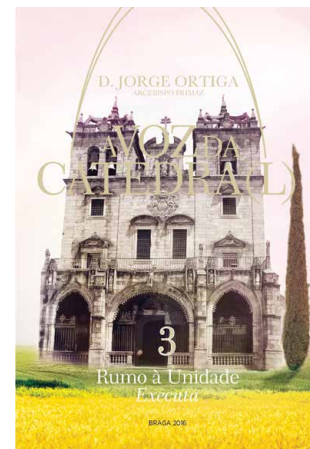
D. JORGE ORTIGA LANÇA NOVO LIVRO

“Executa” é o novo livro da autoria do Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga. É o terceiro volume da colecção “A Voz da Catedral” e surge depois de “Anuncia” e “Avalia”.

A apresentação do livro realizou-se na conferência “Olhares sobre a Arte”. O cónego José Paulo Abreu, Deão do Cabido Primacial da Sé de Braga, deu as primeiras pistas para o novo volume da colecção. “A obra trata da acção e execução de programas e desafios apontados por D. Jorge Ortiga, mostrando-nos o seu dinamismo executivo, muitas vezes operacionalizado através de vários organismos, de vários conselhos, de várias instituições, de várias pessoas”, revelou.

O responsável pela compilação dos textos e homilias correspondentes à “Voz da Catedral” e autor do texto de apresentação do livro foi o Pe. José Lima, que mereceu amplos elogios. Tal como refere o Pe. José Lima no texto de apresentação do livro, o leitor encontrará

uma “infinitude de realizações(...)”, sempre em relação com os outros num tecido vivo que a Voz escuta, orienta e promove: Executar implica



decisão ponderada, critério partilhado e efetivação consequente num panorama que se quer seja para todos. Executar é perpetuar”.

O Cónego José Paulo Abreu deixou ainda uma nota: “Não nos podemos esquecer que a história também se constrói sobre documentos. Estas são fontes muito importantes para a futura história da Arquidiocese de Braga”.

AGENDA

17.03.2016

ATELIER ARTES DE DECORAÇÃO

18h00 / Casa da Juventude de Cabeceiras de Basto

19.03.2016

ENCENAÇÃO “A PAIXÃO DE CRISTO”

21h00 / Igreja Paroquial de Tadim

VIA-SACRA

21h00 / Paróquia de Vimieiro

CONCERTO GNR

21h30 / Casa das Artes (VNF)



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



SÃO JOÃO
DE ÁVILA

ESCRITOS
SACERDOTAIS

João de Ávila foi um sacerdote espanhol do século XVI, que muito influenciou a Igreja e a sociedade da altura através do seu pensamento e dos inúmeros textos que escreveu. Padroeiro do clero secular espanhol, o sacerdote, a quem Teresa de Jesus apelidou de “coluna da Igreja”, continua a ser, actualmente, um modelo que desperta a atenção e a dedicação editorial. “Escritos sacerdotais” é a obra que constitui um compêndio da sua doutrina sobre o ministério sacerdotal, um meio de formação para todo o clero e seminaristas.

PVP
19,90 €

10% *
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 17 a 24 de Março de 2016.